

A tipologia de tópicos no português brasileiro na interface entre sintaxe e estrutura informacional

The Topic Typology in Brazilian Portuguese at the Interface Between Syntax and Information Structure

Renato Lacerda

Universidade de São Paulo (USP) | São Paulo | SP | BR
renatolacerda@usp.br
<https://orcid.org/0000-0001-9118-4949>

Resumo: Este artigo investiga a distribuição sintática e as condições de licenciamento de tópicos *aboutness* (*-shifting*), tópicos de informação dada e tópicos contrastivos no português brasileiro, a partir da tipologia de Frascarelli e Hinterhölzl (2007) e Bianchi e Frascarelli (2010). A investigação busca determinar quais tipos de tópicos podem aparecer nos seguintes contextos sintáticos: em posição canônica (i.e., sem alteração da ordem básica dos constituintes da sentença), deslocado para a periferia esquerda da sentença, deslocado para a posição pós-verbal na periferia de vP e deslocado à direita em posição final. Com base nas observações empíricas, o texto discute as condições de licenciamento de cada tipo de tópico e argumenta que apenas os tópicos do tipo *aboutness* (*-shifting*) estão sujeitos a uma bipartição da sentença em tópico-comentário, ao passo que tópicos de informação dada e tópicos contrastivos são licenciados com base em sua posição relativa ao foco da sentença. Ao final, o artigo propõe um mapeamento das posições marcadas de tópicos no português brasileiro e defende uma visão contextual para o fenômeno.

Palavras-chave: topicalização; tipologia de tópicos; periferia esquerda; periferia de vP.

Abstract: This article investigates the syntactic distribution and the licensing conditions of aboutness (*-shifting*) topics, given topics, and contrastive topics in Brazilian Portuguese, based on the topic typology of Frascarelli and Hinterhölzl (2007) and Bianchi and Frascarelli (2010). The investigation seeks to determine which types of topics can appear in the following syntac-



tic contexts: in canonical position (i.e., without a change in the basic order of the constituents of the sentence), dislocated to the left periphery of the sentence, dislocated to the postverbal position in the periphery of vP, and right-dislocated in a final position. Based on the empirical observations, the text discusses the licensing conditions of each type of topic and argues that only aboutness(-shifting) topics are subject to a bipartition of the clause as topic-comment, whereas given topics and contrastive topics are licensed based on their position relative to the focus of the sentence. In the end, the article proposes a mapping of the marked topic positions in Brazilian Portuguese and defends a contextual view of the phenomenon.

Keywords: topicalization; topic typology; left periphery; periphery of vP.

1 Introdução

Nos estudos do português brasileiro, tanto gerativistas como funcionalistas, há uma vasta literatura a respeito de construções de topicalização envolvendo a periferia esquerda da sentença (veja, e.g., Guessier; Miotto, 2016; Kato, 1989, 1998; Kato; Raposo, 2007; Macedo-Costa; Andrade, 2015; Pontes, 1987; Miotto, 2001; Silva, 2017; entre muitos outros). Na linha dos estudos da Escola de Praga (Firbas, 1964; Mathesius, 1983[1929]), a maioria destes trabalhos assume (explícita ou implicitamente) que a topicalização articula (i.e., particiona) a sentença em um formato de *tópico-comentário* (ou *tema-remata*), como ilustrado em (1). Enquanto o elemento deslocado *este livro* é interpretado como o tópico, aquilo sobre o que se fala, a sentença *eu ainda não li (ele)* é interpretada como o comentário, aquilo que se fala sobre o referente denotado pelo tópico.

- 1) a. Este livro, eu ainda não li (ele).
b. [Este livro]_{TÓPICO} [eu ainda não li (ele)]_{COMENTÁRIO}

Para além de construções como aquela vista em (1), diversos trabalhos de linha gerativista dos últimos vinte anos têm mostrado (i) que a categoria de tópico não é uniforme — isto é, há diferentes tipos de tópicos (e.g., Bianchi; Frascarelli, 2010; Büring, 2003, 2016; Frascarelli; Hinterhölzl, 2007; Lacerda, 2020, 2021) — e (ii) que tópicos não estão restritos a posições deslocadas na periferia esquerda da sentença — isto é, também podem aparecer em posições internas à sentença (e.g., Belletti 2001, 2004; Frey, 2004; Jayaseelan, 2001; Lacerda, 2020, 2021). Apesar destes avanços, falta ainda na literatura sobre o português brasileiro um trabalho que leve a fundo em consideração estes dois fatores conjuntamente na investigação da topicalização. Este artigo, portanto, se propõe a preencher essa lacuna.

Para atingir esse objetivo, adotaremos, em relação ao ponto (i) acima, a tipologia tripartite de tópicos de Bianchi e Frascarelli (2010) (baseada em Frascarelli; Hinterhölzl, 2007), que apontam, com base em dados do italiano, do inglês e do alemão, que cada tipo de tópico está associado a uma distribuição sintática e um evento tonal distintos. Buscaremos, neste trabalho, determinar a distribuição sintática em português brasileiro dos tipos de tópicos apontados em (2) abaixo, investigando-os individualmente e comparativamente.

- 2) a. Tópico *aboutness(-shifting)* (veja, e.g., Heim, 1982; Reinhart, 1981)
- b. Tópico de informação dada (veja, e.g., Givón, 1983; Schwarzschild, 1999)
- c. Tópico contrastivo (veja, e.g., Büring, 2003; Wagner, 2012)

Em relação ao ponto (ii) acima, investigaremos se cada tipo de tópico pode ser licenciado em cada um dos quatro contextos sintáticos descritos em (3) e representados em (4), respectivamente.

- 3) a. Em posição canônica (i.e., sem alteração da ordem básica dos constituintes);
 - b. Deslocado para a periferia esquerda da sentença (CP);
 - c. Deslocado para a posição pós-verbal na periferia de vP;
 - d. Deslocado à direita em posição final.
-
- 4) a. *sujeito verbo objeto*
 - b. tópico, *sujeito verbo objeto*
 - c. *sujeito verbo*, tópico, *objeto*
 - d. *sujeito verbo objeto*, tópico

Ao determinar a distribuição de cada tipo de tópico, discutiremos suas condições de licenciamento na interface entre sintaxe e estrutura informacional. Argumentaremos que a tradicional articulação da sentença em tópico-comentário, como em (1) acima, é um requerimento apenas de tópicos do tipo *aboutness(-shifting)*, enquanto tópicos de informação dada e tópicos contrastivos são licenciados posicionalmente em relação ao foco, sem exigir uma bipartição especial da sentença. Discutiremos ainda como os diferentes tipos de tópicos estão associados a diferentes conjuntos de condições de licenciamento, avaliadas em relação ao contexto sintático.

O artigo está organizado da seguinte forma. Na Seção 2, apresentaremos as propriedades definidoras de cada tipo de tópico da tipologia adotada; na Seção 3, discutiremos a distribuição sintática de cada tipo de tópico no português brasileiro; na Seção 4, discutiremos as relações hierárquicas entre os três tipos de tópicos ora analisados e proporemos um mapa de suas posições marcadas na sentença; na Seção 5, concluímos o artigo com a posição de que é imprescindível considerar, no estudo da topicalização, uma tipologia de tópicos adequada.

2 Tipologia

Para apresentar nossa tipologia de tópicos, adotaremos como pano de fundo duas noções fundamentais acerca do papel da estrutura informacional (Chafe, 1976) na conversação. Primeiro, assumimos com Krifka (2008) que o terreno comum (*common ground*; Stalnaker, 1974) partilhado entre falantes se constrói em duas partes complementares: *conteúdo* e *gerenciamento*. O conteúdo do terreno comum inclui, sobretudo, as proposições mutuamente aceitas como verdadeiras pelos interlocutores. Já o gerenciamento do terreno comum diz respeito ao uso pragmático das expressões linguísticas e se manifesta nos objetivos comunicativos do falante com relação à organização e ao desenvolvimento do conteúdo do terreno comum. Segundo, assumimos com Reinhart (1981) e Heim (1982) que o discurso se organiza a partir de elementos referenciais, isto é, tópicos potenciais. Assim, as proposições que fazem parte do terreno comum se organizam a partir dos referentes a que dizem respeito.

Adotadas essas duas noções, entendemos que a topicalização diz respeito ao gerenciamento do terreno comum, na medida em que serve para apresentar (i.e., introduzir ou reintroduzir) referentes para a organização da conversa. Assim, cada tipo diferente de tópico deve ser entendido como exercendo uma função diferente no gerenciamento do terreno comum. É sob esse prisma que definiremos nesta seção a tipologia de tópicos adotada neste artigo a partir dos trabalhos de Frascarelli e Hinterhölzl (2007) e de Bianchi e Frascarelli (2010).

2.1 Tópicos aboutness(-shifting)

Na tradicional topicalização *aboutness*, a bipartição da sentença em *tópico-comentário* estabelece a relação de que o comentário é *sobre* o referente denotado pelo tópico sentencial, definido por Reinhart (1981) como a entidade sobre a qual a sentença fala. A partir de Reinhart (1981), estabeleceu-se na literatura o teste “me fale sobre X” para identificar o tópico *aboutness*. Como ilustrado no exemplo do português brasileiro em (5), o falante A cria um contexto para que o falante B empregue um tópico *aboutness*, fazendo um comentário sobre o livro.¹ A proposição *o final dele é surpreendente* é adicionada ao terreno comum como sendo sobre *este livro*.

- 5) A: Me fale alguma coisa sobre o livro que você acabou de ler.
B: *Este livro*_{TA}, o final dele é surpreendente.

Frascarelli e Hinterhölzl (2007) e Bianchi e Frascarelli (2010) refinam a noção de tópico *aboutness* de Reinhart (1981) para capturar o fato de que este tipo de tópico pode não somente introduzir um referente sobre o qual se comenta, mas também mudar a direção da conversa para um novo referente. As autoras introduzem, assim, a noção de *aboutness-shifting*. Em português brasileiro, uma estratégia de *aboutness-shifting* pode ser identificada pelo uso da partícula *já* (quando associada a um tópico), como ilustrado no diálogo em (6), em que o falante B muda o tópico da conversa da França para a Espanha.²

¹ Tópicos *aboutness* serão indicados pelo subscrito TA.

² Para uma discussão de conectores discursivos, entre eles o *já*, em português brasileiro, veja Miranda e Silva (2015).

- 6) A: A França é linda. O Pedro gosta muito de lá.
B: *Já a Espanha*_{TA}, ele ainda não conheceu. Ele precisa muito ir lá.

Bianchi e Frascarelli (2010) afirmam que os tópicos *aboutness* “identificam a entrada única sob a qual a proposição assertada deve ser armazenada no terreno comum proposicional” (p. 63).³ Transpondo essa definição para a famosa metáfora da ficha de arquivo (*filecard*) de Heim (1982), que compara referentes discursivos a entradas em um arquivo, podemos entender tópicos *aboutness* como exercendo a função de dar ao interlocutor a instrução de selecionar uma única ficha de arquivo, na qual a proposição denotada pelo comentário deve ser armazenada. Observe o diálogo em (7).

- 7) A: Você tem notícias do pessoal da faculdade?
B: *O João*_{TA}, ele se mudou pra Europa. *Já a Maria*_{TA}, ela foi pro Canadá.

Em (7), o falante B primeiro introduz o referente de *o João*, selecionando sua ficha de arquivo, e nela adiciona a proposição *ele se mudou pra Europa*; em seguida, em uma estratégia de *aboutness-shifting*, o falante B introduz o referente de *a Maria*, acessando uma nova ficha de arquivo, na qual então adiciona a proposição *ela foi pro Canadá*.

2.2 Tópicos de informação dada

Tópicos de informação dada, também chamados na literatura de tópicos familiares, têm a função de retomar referentes que já foram introduzidos no terreno comum (i.e., informação dada; Schwarzschild, 1999), indicando uma estratégia de continuidade de tópico (Givón, 1983). Isso é ilustrado pelo diálogo em (8), em que os referentes de *a Maria* e de *a festa de Natal* são tomados como informação dada pelo falante B, após serem ativados no terreno comum pelo falante A.⁴ Ao topicalizar *a Maria*, o falante B indica que este referente deve permanecer ativo na conversa.

- 8) A: O que você deu pra Maria na festa de Natal?
B: *A Maria*_{TD}, eu dei *dois livros*_F (pra ela) (na festa de Natal).

Ao retomar um referente saliente no discurso, o tópico de informação dada pode indicar que a conversa continuará a ser organizada em torno daquele referente, de modo que as novas proposições a serem adicionadas ao terreno comum continuem a ser relacionadas ao mesmo referente.⁵ Assim, a topicalização de *a Maria* em (8B) facilita uma sequência do diálogo como aquela vista em (9).

³ “[Aboutness] topics identify the unique entry under which the asserted proposition must be stored in the propositional [common ground].”

⁴ Tópicos de informação dada serão indicados pelo subscrito TD, enquanto focos serão indicados pelo subscrito F.

⁵ Como aponta um parecerista anônimo, a função de continuidade de tópico também é atribuída na literatura ao chamado *continuing aboutness topic*. Neste trabalho, não adotamos esta nomenclatura por entender que tópicos *aboutness* e tópicos de informação dada são significativamente distintos, como se mostrará ao longo do texto; assim, adotamos uma tipologia que os separa, ao invés de aproximá-los.

9) Ela adorou os livros. Ela gosta muito de ler.

Além disso, a topicalização de *a Maria* em (8B), ao reforçar a seleção de sua “ficha de arquivo” correspondente (proposta pelo falante A) naquele momento da conversa, pode servir também para preparar o terreno para uma futura mudança de tópico, como em (10).

10) A: O que você deu pra Maria na festa de Natal?

B: A *Maria*_{TD}, eu dei *dois livros*_F (pra ela) (na festa de Natal).

(Ela adorou os livros. Ela gosta muito de ler.)

...*Já pro João*_{TA}, eu dei *uma camiseta*_F.

Como afirmam Bianchi e Frascarelli (2010), tópicos de informação dada “simplesmente se referem ao conteúdo do terreno comum existente com uma função resumptiva” (p. 59).⁶

2.3 Tópicos contrastivos

Bianchi e Frascarelli (2010) adotam a definição de tópico contrastivo proposta por Büring (2003), para quem tópicos contrastivos indicam uma “estratégia” de resposta parcial a uma pergunta. Ao invés de responder à *pergunta em discussão* (*question under discussion*; Roberts, 2012 [1996]) em uma dada conversa, o uso de topicalização contrastiva cria uma família de sub-perguntas. Observe o diálogo em (11) abaixo, traduzido e adaptado de Büring (2003, p. 525).⁷ Ao invés de responder completamente à pergunta do falante A, o falante B a subdivide em duas sub-perguntas, vistas em (12), e responde apenas à sub-pergunta SubQ1, assim respondendo parcialmente à pergunta em (11A).

11) A: O que os pop stars vestiram?

pergunta em discussão

B: As *pop stars mulheres*_{TC} vestiram *cafetãs*_F.

resposta parcial

12) Q: O que os pop stars vestiram?

SubQ1. O que *as pop stars mulheres* vestiram?

SubQ2. O que *os pop stars homens* vestiram?

A não-resolução da pergunta em discussão é uma propriedade importante da topicalização contrastiva (*unresolvedness*, segundo Büring, 2016) e gostaríamos de apontá-la como sendo crucial para distingui-la da topicalização *aboutness*. Comparemos os diálogos em (13) e (14). Observe que a topicalização contrastiva em (13B) é pragmaticamente feliz para criar uma família de sub-perguntas como, por exemplo, aquela vista em (15) e assim responder parcialmente à pergunta (implícita) em (15Q), deixando a pergunta em discussão SubQ1 não-resolvida (importante: neste momento da conversa). Por outro lado, o uso de uma estratégia de *aboutness-shifting* (evidenciado pela partícula *já*) em (14B1) é infeliz. Ao contrário da topicalização contrastiva, a estratégia de *aboutness-shifting* requer o endereçamento (ou resolução)

⁶ “They simply refer to the existing [common ground] content with a retrieval function.”

⁷ Tópicos contrastivos serão indicados pelo subscrito TC.

da sub-pergunta correlata anterior, como se vê pelo contraste em (14). Uma vez endereçada a sub-pergunta sobre o Pinker em (14B2), o uso de *já* (no enunciado seguinte) se torna aceitável.⁸

- 13) A: Quantos livros do Pinker você leu pro curso de sintaxe?
B: Bem, *do Chomsky*_{TC}, eu li *três livros*_F.
- 14) A: Quantos livros do Pinker você leu pro curso de sintaxe?
B1: #*Já do Chomsky*_{TA}, eu li *três livros*_F.
B2: Só um. *Já do Chomsky*_{TA}, eu li *três livros*_F.
- 15) Q. Quantos livros (de diferentes autores) você leu pro curso de sintaxe?
SubQ1. Quantos livros *do Pinker* você leu pro curso de sintaxe? ✗
SubQ2. Quantos livros *do Chomsky* você leu pro curso de sintaxe? ✓
SubQ3. Quantos livros *do Kayne* você leu pro curso de sintaxe? ✗

Vimos nesta seção que os diferentes tipos de tópicos de nossa tipologia desempenham funções distintas no gerenciamento do terreno comum; em outras palavras, o tópico não configura uma categoria uniforme. Veremos na próxima seção que também é distinta a distribuição sintática dos diferentes tipos de tópicos em português brasileiro.

3 Distribuição

Investigaremos detalhadamente nesta seção a distribuição sintática de cada um dos três tipos de tópicos apresentados na seção anterior. Em particular, buscaremos determinar se cada tipo de tópico pode ser realizado (i) em posição canônica (i.e., sem alteração da ordem básica dos constituintes da sentença), (ii) deslocado para a periferia esquerda da sentença (i.e., no domínio do CP), (iii) deslocado para a posição pós-verbal na periferia de vP e (iv) deslocado à direita em posição final. Estes contextos sintáticos são representados em (16a–d), respectivamente.

- 16) a. *sujeito verbo objeto*
b. tópico, *sujeito verbo objeto*
c. *sujeito verbo*, tópico, *objeto*
d. *sujeito verbo objeto*, tópico

⁸ É importante apontar que a resolução de uma pergunta não se confunde com sua resposta. Como visto em (i) abaixo, apontar que uma pergunta não tem uma resposta (conhecida) é suficiente para resolvê-la e prosseguir com a mudança de tópico.

i) A: Quantos livros do Pinker você leu pro curso de sintaxe?
B: Não sei. *Já do Chomsky*_{TA}, eu li *três livros*.

Nesta seção, trataremos da distribuição de cada tipo de tópico separadamente, para depois, na Seção 4, tratar das construções com tópicos múltiplos.

3.1 Tópicos *aboutness(-shifting)*

O tópico *aboutness(-shifting)* corresponde ao tipo canônico de tópico, identificado pela tradição da Escola de Praga. Assim sendo, este tópico ocorre em posição que se conforma à tradicional articulação da sentença em *tópico-comentário*, de modo que pode ser realizado na periferia esquerda da sentença, mas não na posição pós-verbal na periferia de vP, como mostra o contraste entre (17B1) e (17B2). Enquanto (17B1) soa natural, (17B2) não é compatível com topicalização *aboutness*, uma vez que introduz informação nova (i.e., *eu comi*) à esquerda do tópico.⁹

- 17) A: Me conta alguma coisa sobre a feira renascentista que você foi ontem!
B1: *Na feira renascentista*_{TA}, eu comi várias comidas típicas.
B2: #Eu comi, *na feira renascentista*_{TA}, várias comidas típicas.

Ainda que o teste “me fale sobre X” tenha se tornado praxe na literatura para identificar tópicos *aboutness*, é importante apontar que a menção prévia ao referente relevante (e.g., *feira renascentista* em (17A) acima) torna o contexto compatível também com a topicalização de informação dada, em que o tópico simplesmente retoma o referente cuja ficha de arquivo já foi selecionada, ao invés de indicar tal seleção por si só. Diante disso, a noção de *aboutness-shifting* de Frascarelli e Hinterhölzl (2007) e Bianchi e Frascarelli (2010) é de extrema importância, uma vez que esta se apresenta como uma estratégia não-ambígua para eliciar um tópico *aboutness*, ao introduzir um referente discursivamente novo e não-contrastivo. Assim, se adaptarmos o diálogo em (17) para um contexto de *aboutness-shifting* com o uso da partícula *já*, como em (18), o contraste entre as respostas se torna ainda maior, na medida em que (18B1) é aceitável, enquanto (18B2) é agramatical — e não simplesmente pragmaticamente infeliz.

- 18) A: Você aproveitou bem pouco a festa junina, não é?
B1: Verdade. *Já na feira renascentista*_{TA}, eu comi várias comidas típicas.
B2: Verdade. *Eu comi, *já na feira renascentista*_{TA}, várias comidas típicas.

O contraste em (18) confirma, portanto, a conclusão que tiramos a partir do contraste em (17) acima: tópicos *aboutness(-shifting)* podem ser realizados na periferia esquerda da sentença, mas não na posição pós-verbal. Aqui devemos nos perguntar se o licenciamento de tópicos *aboutness* requer uma estrutura marcada de deslocamento à esquerda ou se basta que o elemento relevante esteja em posição inicial, na medida em que ambas as hipóteses são compatíveis com a restrição vista acima.

⁹ Um falante cooperativo pode tentar acomodar (à força bruta) a informação à esquerda do tópico em (17B2) como uma informação já presente no terreno comum, o que geraria uma outra estrutura em que na feira renascentista se comporta como um tópico de informação dada (ver Seção 3.2). Em todo o texto, os julgamentos são dados para a interpretação indicada, sem acomodações pragmáticas.

Para responder a essa pergunta, façamos uma breve excursão ao italiano, que é uma língua *pro-drop*. Nesta língua, os sujeitos nulos (*pro*) buscam seus antecedentes no tópico *aboutness* atualmente ativo na conversa (veja Calabrese, 1986; Frascarelli, 2007). Sujeitos pré-verbais, como mostra o exemplo de Rizzi (2010) em (19) (tradução nossa), podem funcionar como antecedentes para sujeitos nulos (*pro*). A depender de se (19c) segue (19a) ou (19b), o referente do sujeito nulo será o velho ou o rapaz, respectivamente. Isso demonstra que sujeitos iniciais na estrutura SVO podem ser interpretados como tópicos *aboutness* (veja também Rizzi 2018). Nas palavras de Reinhart (1981, p. 62) sujeitos são os tópicos “não-marcados”.

- 19) a. Un vecchio ha insultato un ragazzo.
 ‘Um velho insultou um rapaz.’
 b. Un ragazzo è stato insultato da un vecchio.
 ‘Um rapaz foi insultado por um velho.’
 c. Poi, *pro* se n’è andato.
 ‘E então se foi.’ (Rizzi 2010: 26)

Com os sujeitos pré-verbais estando em posição canônica no início da sentença, a articulação sujeito-predicado pode ser interpretada na interface como uma articulação tópico-comentário, como representado em (20). Assim, em português brasileiro, a ordem canônica SVO (estrutura não-marcada) permite a interpretação do sujeito como um tópico *aboutness*, inclusive na estratégia de *aboutness-shifting*, como em (21B1), com a estrutura marcada de deslocamento e resumpção vista em (21B2) também sendo uma possibilidade.

20) [Sujeito]_{TÓPICO} [Predicado]_{COMENTÁRIO}

- 21) A: O Pedro leu dez livros do Chomsky pra esse curso.
 B1: Já o João_{TA} não leu nenhum.
 B2: Já o João_{TA}, ele não leu nenhum.

Se qualquer outro elemento da sentença for deslocado para a periferia esquerda, como a expressão-*qu* nos exemplos em (22), a posição canônica de sujeito deixa de permitir a interpretação de tópico *aboutness(-shifting)*, de modo que a estrutura marcada de deslocamento (com resumpção) se torna a única possível, por devidamente colocar o elemento a ser interpretado como tópico *aboutness* na posição inicial da sentença.¹⁰

¹⁰ A obrigatoriedade do resumptivo em (22B2–B3) se dá por razões independentes (e ortogonais à presente discussão), uma vez que o português brasileiro não é uma língua *pro-drop* e o interrogativo deslocado bloqueia uma estrutura de sujeito nulo por *topic-drop* (o grau de marginalidade de (22B2) pode estar sujeito a variação dialetal, como aponta um parecerista anônimo). Note que não há a princípio nenhum problema em um tópico cruzar um interrogativo, como mostra (i) abaixo.

i) A: O Pedro deu dois livros pra Joana.
 B: Já pra Maria, quantos livros ele deu?

22) A: O Pedro leu dez livros do Chomsky pra esse curso.

B1: *O que *já o João*_{TA} leu?

B2: ?**Já o João*_{TA}, o que _ leu?

B3: *Já o João*_{TA}, o que ele leu?

Diante da restrição acima, qualquer elemento cuja posição canônica não seja inicial deverá recorrer a uma estrutura marcada de deslocamento para ser interpretado como tópico *aboutness*, o que é ilustrado pelo objeto direto em (23).

23) A: O Pedro teve que ler o Programa Minimalista pra esse curso.

B1: *Já o Barriers*_{TA}, o Pedro não teve que ler (ele).

B2: *O Pedro não teve que ler *já o Barriers*_{TA}.

Tendo visto que tópicos *aboutness* em português brasileiro podem aparecer na periferia esquerda e em posição canônica (neste caso, se for um sujeito em posição inicial) e não podem aparecer na posição pós-verbal na periferia de vP, finalmente vemos em (24) que a estrutura de deslocamento à direita também não é compatível com a topicalização *aboutness* (*-shifting*), independentemente da resumpção.

24) A: O João leu três livros pro curso de sintaxe.

B1: *Já o Pedro*_{TA} leu só dois livros.

B2: *Já o Pedro*_{TA}, ele leu só dois livros.

B3: *Leu só dois livros, *já o Pedro*_{TA}.

B4: *Ele leu só dois livros, *já o Pedro*_{TA}.

Presumivelmente, a estrutura de deslocamento à direita não particiona a sentença adequadamente no formato tópico-comentário, que é rígido no sentido de que o tópico deve preceder o comentário e por isso é restrito à posição inicial da sentença.

3.2 Tópicos de informação dada

Antes de falarmos sobre a topicalização de informação dada, precisamos discutir o estatuto da informação dada no gerenciamento do terreno comum. Primeiro, note que elementos da sentença previamente introduzidos no discurso podem aparecer em suas posições canônicas, como em (25).¹¹ Como se sabe, o foco em português brasileiro pode ser realizado *in situ* e identificado apenas pelo seu acento prosódico (e.g., Lacerda, 2024, 2025; Quarezemin, 2009), com a respectiva desacentuação dos elementos dados (cf. Schwartzchild, 1999), sem exigir uma alteração da ordem básica dos constituintes como nas línguas de foco final.¹²

¹¹ Quando necessário, informação dada não-topicalizada é indicada pelo subscrito D.

¹² Ao contrário do que ocorre em português brasileiro, em línguas de foco final os constituintes que fazem parte da informação dada devem preceder o foco, que aparece na última posição, como ilustrado em (i) com dados do português europeu.

i) A: Quem é que partiu a janela?

B1: #O *Paulo*_F partiu_D a janela_D.

B2: Partiu_D a janela_D o *Paulo*_F. (adaptado de Costa, 2000, p. 197)

- 25) A: O que você deu pra Maria na festa de Natal?
B: Eu_D dei_D dois livros_F pra Maria_D na festa de Natal_D.

A fim de evitar repetições desnecessárias, a informação dada que não tem proeminência no discurso é frequentemente apagada, de modo que as respostas curtas em (26B1) e (26B2) abaixo são mais naturais do que a resposta completa em (25B) acima.

- 26) A: O que você deu pra Maria na festa de Natal?
B1: Eu_D dei_D dois livros_F.
B2: Dois livros_F.

Diante disso, o não-apagamento de informação dada confere aos elementos relevantes alguma proeminência no discurso (isto é, têm alguma função a desempenhar no gerenciamento do terreno comum). Para ilustrar esse efeito, comparemos o cenário em (27) abaixo com aquele em (25)/(26) acima. No momento em que o falante B retorna ao falante A com a resposta de sua pergunta, a informação de que o João deu algo para a Maria continua sendo dada (i.e., presente no terreno comum), mas pode não estar mais ativa e/ou acessível para os participantes da conversa. Desse modo, a resposta curta em (27B2) pode não ser suficiente para reativar a pergunta contextualizadora em (27A), exigindo-se a resposta completa em (27B3), na qual os elementos dados são mais naturais se pronunciados com entonação normal, sem desacentuação.

- 27) A: Eu estava no exterior durante as festas de fim de ano.
Você consegue descobrir o que o João deu pra Maria na festa de Natal?
B1: Vou descobrir.
Horas depois, o falante B retorna ao falante A e diz:
B2: #Dois livros_F.
B3: O João_D deu_D dois livros_F pra Maria_D na festa de Natal_D.

É em face da aquisição de proeminência discursiva que ocorre a topicalização de informação dada. Quando um elemento é topicalizado em uma posição mais alta na sentença, o seu referente se torna mais acessível no discurso, indicando que a conversa deve continuar a respeito deste e não de outro referente. Como os exemplos em (28) mostram, tanto a periferia esquerda da sentença como a periferia de vP podem ser empregadas para tal fim em português brasileiro.¹³ Uma vez que o referente de *Maria* tem uma alta ativação no discurso, ele indica a direção da conversa, facilitando uma continuação como (29).

- 28) A: O que você deu pra Maria na festa de Natal?
B1: Pra Maria_{TD}, eu dei dois livros_F na festa de Natal.
B2: Eu dei pra Maria_{TD} dois livros_F na festa de Natal.

- 29) ...Eu gosto muito dela, eu queria dar algo legal de presente pra ela.

¹³ Um parecerista anônimo corretamente aponta que o PP *pra Maria* pode ter também interpretação de tópico contrastivo. Neste momento, estamos analisando somente a interpretação em que *pra Maria* tem a função de continuar o tópico da conversa (o que fica mais claro na topicalização de DP com resumpção, como em (8) na Seção 2.2). Optamos pelo uso do PP no exemplo (28) para que a comparação com a posição pós-verbal seja possível. Sobre a topicalização contrastiva, veja as seções 2.3 e 3.3.

Uma vez que o tópico de informação dada adquire alta proeminência discursiva, ele deve respeitar uma condição de boa-formação em relação a outro elemento de alta proeminência: o foco da sentença. Como as sentenças em (30) mostram, uma vez deslocado, o tópico de informação dada deve necessariamente preceder o foco, o que podemos entender como sendo o efeito de uma restrição conhecida na literatura como *given before new* ('dado antes de novo') (veja, e.g., Bresnan *et al.*, 2007; Gundel, 1988; Lacerda, 2017, 2020). Enquanto em (28) acima o foco é o objeto direto, permitindo a topicalização de *pra Maria* tanto na periferia esquerda como na periferia de vP, em (30) o foco é o sujeito, de modo que apenas a topicalização na periferia esquerda é possível.

- 30) A: Quem deu um presente pra Maria na festa de Natal?
 B1: *Pra Maria*_{TD}, *o João*_F deu um presente na festa de Natal.
 B2: **O João*_F deu *pra Maria*_{TD} um presente na festa de Natal.

O tópico de informação dada também pode ser realizado em construções de deslocamento à direita, como mostram os dados em (31), e neste caso, curiosamente, não está sujeito à restrição *given before new*. Comparados aos tópicos deslocados à esquerda, podemos conjecturar razoavelmente que o tópico deslocado à direita tem menor proeminência discursiva, uma vez que é pronunciado desacentuado (note que estruturas de deslocamento à direita têm entonação final descendente), de modo que não “entra em conflito” com o foco da sentença e pode segui-lo ao invés de precedê-lo, tal como informação dada não-topicalizada (cf. e.g. (25) e (27) acima).

- 31) A: O João leu três livros pro curso de sintaxe.
 B1: Gosta muito de sintaxe, *o João*_{TD}.
 B2: Ele gosta muito de sintaxe, *o João*_{TD}.

De acordo com Silva (2016), a função do tópico deslocado à direita é simplesmente retomar o tópico do discurso, e “basta que o elemento deslocado à direita seja conhecido dos participantes” para que seja licenciado (p. 318). Assim, o tópico de informação dada, quando deslocado à direita, não tem proeminência discursiva suficiente para ativar o efeito *given before new*.

Entendemos, enfim, que a informação dada no português brasileiro está sujeita a uma escala de proeminência, representada em (32), que regula o impacto e/ou a função de informação dada no gerenciamento do terreno comum, a depender das intenções comunicativas do falante. Sob o quadro teórico adotado de Krifka (2008), podemos entender as construções marcadas como envolvendo maior impacto no gerenciamento do terreno comum do que as construções não-marcadas (canônicas).

- 32) *Escala de proeminência de informação dada no português brasileiro:*
- | | |
|-------------------------------------|---------------------------|
| apagamento | <i>menor proeminência</i> |
| desacentuação in situ | |
| não-desacentuação in situ | |
| deslocamento à direita | |
| topicalização no meio de campo | |
| topicalização na periferia esquerda | <i>maior proeminência</i> |
- ↓

Vimos, então, que informação dada no português brasileiro pode ser realizada em todos os quatro contextos sintáticos investigados neste trabalho, com diferentes graus de proeminência discursiva.

3.3 Tópicos contrastivos

Por fim, trataremos dos tópicos contrastivos. Além de apontar as posições da sentença em que estes podem ocorrer, discutiremos também sua posição em relação ao foco, apontando os contextos em que devem preceder o foco e os contextos em que podem sucedê-lo.

Diferentemente dos tópicos *aboutness(-shifting)* e assim como os tópicos de informação dada, tópicos contrastivos em português brasileiro podem ser deslocados tanto para a periferia esquerda da sentença, como em (33B1), como para a posição pós-verbal na periferia de vP, como em (33B2), desde que precedam o foco da sentença. Enquanto nos exemplos em (33B1) e (33B2) o foco é o objeto direto, nos exemplos em (34B1) e (34B2) o foco recai sobre o sujeito; neste caso, apenas o tópico deslocado para a periferia esquerda da sentença é lícito, uma vez que o tópico deslocado para a periferia de vP não precede o foco.

33) A: Quantos livros você leu pro curso de sintaxe?

B1: Bem, *do Chomsky*_{TC}, eu li *três livros*_F.

B2: Bem, eu li, *do Chomsky*_{TC}, *três livros*_F.

34) A: Quem resenhou os livros pro curso de linguística?

B1: Bem, *do Chomsky*_{TC}, *eu*_F resenhei os livros.

B2: *Bem, *eu*_F resenhei, *do Chomsky*_{TC}, os livros.

Tópicos contrastivos também podem aparecer em posições canônicas, e neste caso sua posição em relação ao foco da sentença é crucial para determinar a aceitabilidade da sentença e as possíveis interpretações. Se, na ordem canônica dos constituintes da sentença, o tópico contrastivo preceder o foco, o tópico contrastivo pode introduzir um conjunto de alternativas (contrastivas) no discurso e gerar as implicaturas relevantes. Vejamos como isso se dá no diálogo em (35). Supondo que o falante A pergunta apenas sobre o livro *Barriers*, o falante B pode marcar fonologicamente *o Barriers* como tópico contrastivo e gerar a implicatura de que há outros livros que o João possa ter dado para outras pessoas. Em outras palavras, a marcação de *o Barriers* como tópico contrastivo é pragmaticamente feliz neste cenário.

35) A: Pra quem o João deu o *Barriers*?

B: Bem, ele deu *o Barriers*_{TC} *pra Maria*_F.

Por outro lado, se na ordem canônica o tópico contrastivo não precede o foco, como em (36B), a sentença falha em introduzir um conjunto de alternativas contrastivas relevantes. Neste caso, em que o falante A pergunta apenas sobre a Maria, a marcação de *pra Maria* como tópico contrastivo é pragmaticamente infeliz e a sentença não pode gerar a implicatura de que há outras pessoas para quem o João possa ter dado livros.

36) A: Que livro o João deu pra Maria?

B: #Bem, ele deu *o Barriers*_F *pra Maria*_{TC}.

Sentenças com foco polar independentemente corroboram o contraste apontado acima, como nos exemplos a seguir, adaptados de Büring (2016). Em (37), o falante A pergunta apenas sobre o gato; neste caso, a marcação de *pro gato* como tópico contrastivo pelo falante B é pragmaticamente infeliz, uma vez que *pro gato* está à direita do verbo focalizado, e a sentença não pode gerar a implicatura de que há outros animais para quem o falante B possa ter dado comida. Ao contrário de (37), no cenário em (38) um conjunto de animais é dado no terreno comum; assim, o elemento marcado como tópico contrastivo (*pro gato*) não precisa preceder o foco (*dei*) e a sentença (38B) na ordem canônica é pragmaticamente feliz.

- 37) A: Você deu comida pro gato?
 B: #Bem, eu *dei_F* comida *pro gato_{TC}*.

- 38) A: Você deu comida pros animais?
 B: Bem, eu *dei_F* comida *pro gato_{TC}*.

Quando não há um conjunto de alternativas contrastivas relevantes no terreno comum, um tópico contrastivo gerado (na ordem canônica) abaixo do foco deve ser deslocado para uma posição acima do foco, para que possa gerar as implicaturas relevantes. Nos casos em que o foco recai sobre o verbo (mais precisamente, a polaridade do verbo), o deslocamento para a periferia esquerda da sentença é possível, como em (39B1), mas o deslocamento para a periferia de vP não é, como em (39B2), uma vez que o tópico contrastivo deslocado não precede o foco — compare com os exemplos (33B1) e (33B2) acima, em que o foco recai sobre o objeto direto.

- 39) A: Você deu comida pro gato?
 B1: Bem, *pro gato_{TC}*, eu *dei_F* comida.
 B2: *Bem, eu *dei_F* *pro gato_{TC}*, comida.

Enquanto deslocamentos para a esquerda (para a periferia de vP ou de CP) podem funcionar para posicionar um tópico contrastivo à esquerda do foco, o deslocamento à direita de um tópico contrastivo será sempre infeliz, como em (40B), na medida em que tópicos contrastivos deslocados devem sempre preceder o foco.

- 40) A: Quantos livros a Maria leu pro curso de sintaxe?
 B: #Bem, leu *três livros_F*, *o João_{TC}*.

Assim, vemos que a distribuição de tópicos contrastivos em português brasileiro é dependente de sua posição em relação ao foco da sentença, em alguns casos podendo suceder o foco e em outros devendo precedê-lo, sendo possível o seu licenciamento tanto em posições canônicas como em posições deslocadas à esquerda (para a periferia de vP ou de CP), em contextos bem definidos. Em geral, vemos que o lugar preferencial dos tópicos contrastivos é à esquerda do foco, mas a ordem foco-tópico também é possível na ordem canônica se o conjunto de alternativas relevantes já estiver dado no contexto.

4 Mapeamento

Frascarelli e Hinterhölzl (2007) e Bianchi e Frascarelli (2010) argumentam (contra Rizzi, 1997), a partir de dados do italiano, do inglês e do alemão, que as posições de tópico na periferia esquerda da sentença não são livremente reiterativas, mas sim obedecem a uma hierarquia estrita, e propõem o seguinte mapeamento das posições de tópico na periferia esquerda da sentença:

41) *Hierarquia de tópicos na periferia esquerda da sentença:*
Tópico *aboutness(-shifting)* > Tópico contrastivo > Tópico de informação dada

42) [_{A-TopP} *tópico-A* [_{C-TopP} *tópico-C* [_{D-TopP} *tópico-D* [_{TP} ...]]]]

Nestas línguas, os autores observam uma hierarquia tripartite entre os tópicos, em que o tópico *aboutness(-shifting)* é o mais alto, precedendo o tópico contrastivo, que por sua vez precede o tópico de informação dada. A título de exemplo, observe o contraste entre (43a) e (43b) em inglês; o DP deslocado *Rosa* (que pode ser marcado por *as for* e é retomado por um pronome resumptivo) é interpretado como tópico *aboutness* e portanto deve preceder o tópico contrastivo *my next book* (“meu próximo livro”) (que não pode ser marcado por *as for* e não é retomado por um pronome resumptivo).

43) a. (As for) Rosa, my next book I will dedicate to her.
[‘(Quanto a) Rosa, meu próximo livro eu dedicarei a ela.’]
b. *My next book, Rosa, I will dedicate to her.
[‘Meu próximo livro, Rosa, eu dedicarei a ela.’]
(Bianchi; Frascarelli, 2010, p. 62)

Nesta seção, com base na análise de sentenças com tópicos não só na periferia esquerda da sentença (CP), mas também na posição pós-verbal na periferia de vP, argumentaremos que, em português brasileiro, o que se observa não é uma hierarquia em três níveis, mas sim uma hierarquia em dois níveis, com o tópico *aboutness(-shifting)* de um lado e o os tópicos de informação dada e contrastivo de outro — estes não estando sujeitos a uma hierarquia entre si.

Primeiro, analisemos as possibilidades de coocorrência entre os três tipos de tópicos. Como já apontado na Seção 3, o tópico *aboutness* deve estar em posição inicial; assim, quando este coocorrer com um tópico de informação dada ou um tópico contrastivo, deve precedê-lo, como em (44) e (45), respectivamente.¹⁴

44) A: A Maria doou cinco livros pro departamento.
B1: Já o João_{TA}, pro departamento_{TD} ele doou dez livros_F.
B2: Já o João_{TA} doou pro departamento_{TD} dez livros_F.
B3: Já o João_{TA}, ele doou pro departamento_{TD} dez livros_F.

¹⁴ Nos exemplos desta seção, usamos novamente a estratégia mudança de tópico, indicada pela partícula *já*, para que o elemento relevante seja interpretado como tópico *aboutness(-shifting)*, sem sofrer acomodação para outro tipo de tópico.

- B4: **Pro departamento*_{TD}, *já o João*_{TA} doou *dez livros*_F.
 B5: **Pro departamento*_{TD}, *já o João*_{TA}, ele doou *dez livros*_F.

- 45) A: A Maria leu cinco livros do Pinker.
 B1: *Já o João*_{TA}, *do Chomsky*_{TC}, ele leu *dez livros*_F.
 B2: *Já o João*_{TA} leu, *do Chomsky*_{TC}, *dez livros*_F.
 B3: *Já o João*_{TA}, ele leu, *do Chomsky*_{TC}, *dez livros*_F.
 B4: **Do Chomsky*_{TC}, *já o João*_{TA} leu *dez livros*_F.
 B5: **Do Chomsky*_{TC}, *já o João*_{TA}, ele leu *dez livros*_F.

Os exemplos em (46) mostram que o tópico de informação dada e o tópico contrastivo não exibem efeitos de hierarquia entre si, podendo aparecer em qualquer ordem um em relação ao outro. Além disso, podem livremente ativar tanto a periferia esquerda da sentença (CP) como a posição pós-verbal na periferia de vP (desde que precedam o foco, como discutido na Seção 3).

- 46) A: Quantos livros do Pinker a Maria doou pro departamento?
 B1: Bem, *do Chomsky*_{TC}, *pro departamento*_{TD} ela doou *dez livros*_F.
 B2: Bem, *pro departamento*_{TD}, *do Chomsky*_{TC}, ela doou *dez livros*_F.
 B3: Bem, ela doou, *do Chomsky*_{TC}, *pro departamento*_{TD}, *dez livros*_F.
 B4: Bem, ela doou *pro departamento*_{TD}, *do Chomsky*_{TC}, *dez livros*_F.
 B5: Bem, *do Chomsky*_{TC}, ela doou *pro departamento*_{TD} *dez livros*_F.
 B6: Bem, *pro departamento*_{TD} ela doou, *do Chomsky*_{TC}, *dez livros*_F.

Sentenças em que os três tipos de tópicos aparecem também são possíveis (ainda que possam soar um tanto marcadas), desde que o tópico *aboutness(-shifting)* preceda o tópico de informação dada e o tópico contrastivo (estes novamente podendo aparecer em qualquer ordem entre si), como em (47).

- 47) A: A Maria doou cinco livros do Pinker pro departamento.
 B1: *Já o João*_{TA} doou *pro departamento*_{TD}, *do Chomsky*_{TC}, *dez livros*_F.
 B2: *Já o João*_{TA} doou, *do Chomsky*_{TC}, *pro departamento*_{TD}, *dez livros*_F.
 B3: ?*Já o João*_{TA}, *pro departamento*_{TD}, *do Chomsky*_{TC}, ele doou *dez livros*_F.
 B4: ?*Já o João*_{TA}, *do Chomsky*_{TC}, *pro departamento*_{TD} ele doou *dez livros*_F.
 B5: **Pro departamento*_{TD}, *já o João*_{TA} doou, *do Chomsky*_{TC}, *dez livros*_F.
 B6: **Do Chomsky*_{TC}, *já o João*_{TA} doou *pro departamento*_{TD} *dez livros*_F.

Agora, analisemos a possibilidade de reiteração de cada tipo de tópico. Frascarelli e Hinterhölzl (2007) e Bianchi e Frascarelli (2010) apontam que no italiano, no inglês e no alemão só pode haver um tópico *aboutness(-shifting)* por enunciado, na medida em que este tipo de tópico seleciona o único referente sobre o qual se comenta (conforme discutido na Seção 2.1). Em português brasileiro, a situação não é diferente, como se vê em (48) (cf. (44) acima). Os nossos exemplos de mudança de tópico em (48) corroboram a observação de Bastos-Gee (2011) de que a múltipla introdução de tópicos *aboutness* é impossível nesta língua, como em (49).

Vimos nesta seção que, na periferia esquerda da sentença, o tópico *aboutness(-shifting)* pode ser seguido por tópicos de informação dada e/ou tópicos contrastivos (possivelmente reiterativos, o que é indicado pelo asterisco), sendo assim possíveis estruturas como aquelas em (53). Na região pós-verbal na periferia de vP, tópicos de informação dada e tópicos contrastivos podem ocorrer em qualquer ordem e possivelmente reiterar, sendo assim possíveis estruturas como aquelas em (54).

- 53) a. $[_{A-TopP} [_{D-TopP^*} [_{C-TopP^*} [_{TP} \dots]]]]$ tópicos na periferia esquerda
 b. $[_{A-TopP} [_{C-TopP^*} [_{D-TopP^*} [_{TP} \dots]]]]$

- 54) a. $[_{CP} [_{TP} [_{D-TopP^*} [_{C-TopP^*} [_{VP} \dots]]]]]]$ tópicos na periferia de vP
 b. $[_{CP} [_{TP} [_{C-TopP^*} [_{D-TopP^*} [_{VP} \dots]]]]]]$

Considerando ainda uma posição de tópico deslocada à direita, restrita a tópicos de informação dada (como discutido na Seção 3), podemos adicionar ao nosso mapeamento a estrutura em (55).¹⁵

- 55) $[_{CP} [_{D-TopP} [_{TP} \dots] \text{tópico-D}]]]$

Em conclusão, as possibilidades de coocorrência e reiteração de tópicos em português brasileiro apontam para uma divisão de comportamento entre o tópico *aboutness(-shifting)*, de um lado, e os tópicos de informação dada e contrastivo, de outro — o que, a nosso ver, reforça a nossa posição de que apenas o tópico *aboutness(-shifting)* é licenciado através de uma bipartição da sentença em tópico-comentário, enquanto o tópico de informação dada e o tópico contrastivo são licenciados em relação ao foco da sentença.

5 Considerações finais

Na conclusão de seu artigo sobre topicalização contrastiva, Büring (2003) afirma:

It is of course possible that additional concepts like Topic-Comment or Rheme-Theme have a role to play in the explanation of other phenomena, but for those discussed here, I submit, they are irrelevant [...].¹⁶ (Büring, 2003, p. 538-539)

Tanto pela sua função exercida no gerenciamento do terreno comum (cf. Krifka, 2008) como pela sua distribuição sintática, podemos concluir que o tópico contrastivo é licenciado de maneira distinta do tradicional tópico *aboutness(-shifting)* na interface entre sintaxe e estrutura informacional, em particular ao não requerer uma bipartição da sentença em tópi-

¹⁵ Outra possibilidade seria derivar o tópico deslocado à direita com topicalização à esquerda seguida do movimento do TP para uma posição acima do tópico no CP, como em (i) abaixo. Neste trabalho não nos comprometemos com a exata estrutura das construções de deslocamento à direita.

(i) $[_{CP} [_{XP} [_{TP} \text{sujeito verbo objeto}]_i [_{X'} X^o [_{D-TopP} \text{tópico-D} [_{D-TopP'} D-Top^o t_i]]]]]]$

¹⁶ “É claramente possível que conceitos adicionais como Tópico-Comentário ou Rema-Tema tenham um papel a desempenhar na explicação de outros fenômenos, mas para aqueles discutidos aqui, eu mantenho, eles são irrelevantes.”

co-comentário. Neste trabalho, vimos que os dados do português brasileiro vão ao encontro da afirmação de Büring (2003) citada acima, na medida em que o tópico contrastivo tem suas condições de licenciamento descritas a partir de seu posicionamento não em relação a um comentário, mas sim em relação ao foco da sentença. Ao não requerer a posição inicial, o tópico contrastivo têm nesta língua distribuição mais ampla do que o tópico *aboutness*(–*shifting*). *Mutadis mutandis*, podemos afirmar o mesmo a respeito do tópico de informação dada.

Comparando diferentes tipos de tópicos em português brasileiro, vimos neste trabalho que suas condições de licenciamento devem ser entendidas de maneira contextual, considerando que:

- i) tópicos podem aparecer tanto em posições canônicas da sentença (isto é, sem requerer o reordenamento da ordem básica de constituintes) como em posições marcadas (deslocadas), em contextos bem definidos;
- ii) o licenciamento de um tópico vai além de seu aparecimento em uma “posição de tópico” e depende de seu posicionamento relativo a outros elementos com os quais se relaciona na estrutura informacional (comentário ou foco);
- iii) para os tópicos de informação dada e contrastivo, há mais de uma posição marcada na estrutura sentencial, que podem ser ativadas a depender do posicionamento do foco.

Ainda que todos os tipos de tópicos tenham em comum o fato de atuarem no gerenciamento do terreno comum a partir de elementos referenciais, conforme a tradição de Reinhart (1981) e Heim (1982), podemos concluir, de maneira geral, que é imprescindível considerar, no estudo da topicalização, uma tipologia de tópicos adequada, uma vez que se trata de uma categoria não-uniforme. Uma vez que cada tipo de tópico exerce uma função diferente no gerenciamento do terreno comum, podemos esperar que cada tipo de tópico tenha distribuição e condições de licenciamento distintas na interface entre sintaxe e estrutura informacional, o que é de fato observado nos dados do português brasileiro. Longe de tentar oferecer uma palavra definitiva, este trabalho almejou demonstrar que é frutífera a investigação da topicalização sob esta perspectiva.

Agradecimentos

Agradeço a Jairo Nunes e aos pareceristas anônimos por suas valiosas contribuições. O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Brasil (processo nº 2020/15877-9). As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do autor e não necessariamente refletem a visão da FAPESP.

Referências

BASTOS-GEE, A. C. Information structure within the traditional nominal phrase: The case of Brazilian Portuguese. 284 f. 2011. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística, University

of Connecticut, Estados Unidos, 2011. Disponível em: <https://digitalcommons.lib.uconn.edu/dissertations/AA13510503>. Acesso em 14 nov 2025.

BELLETTI, A.. Inversion as focalization. In: HULK, A. C. J.; POLLOCK, J.-Y. (eds.). *Subject inversion in Romance and the theory of Universal Grammar*. Nova lorque: Oxford University Press, 2001. p. 60-90.

BELLETTI, A. Aspects of the low IP area. In: RIZZI, L. (ed.). *The structure of CP and IP: the cartography of syntactic structures*, vol. 2. Nova lorque: Oxford University Press, 2004. p. 16-51.

BIANCHI, V.; FRASCARELLI, M. Is topic a root phenomenon? *Iberia*, Sevilla, v. 2, n. 1, p. 43-88, 2010. Disponível em: <https://revistascientificas.us.es/index.php/iberia/article/view/86>. Acesso em: 14 nov 2025.

BRESNAN, J.; CUENI, A.; NIKITINA, T.; BAAYEN, R. H. Predicting the dative alternation. In: BOUMA, G.; KRÄMER, I.; ZWARTS, J. (eds). *Cognitive foundations of interpretation*. Amsterdã: Royal Netherlands Academy of Science, 2007. p. 69-94.

BÜRING, D. On D-trees, beans, and B-Accents. *Linguistics & Philosophy*, Dordrecht, n. 26, p. 511-545, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1023/A:1025887707652>

BÜRING, D. (Contrastive) topic. In: FÉRY, C.; ISHIHARA, S. (eds.). *The Oxford handbook of information structure*. Oxford: Oxford University Press, 2016. p. 64-85.

CALABRESE, A. Some properties of the Italian pronominal system: an analysis based on the notion of *thema* as subject of predication. In: STAMMERJOHANN, H. (ed.). *Tema-rema in Italiano*. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 1986. p. 25-36.

CHAFE, W. L. Givenness, contrastiveness, definiteness, subjects, topics and point of view. In: LI, C. N. (ed.). *Subject and topic*. Nova lorque: Academic Press, 1976. p. 27-55.

COSTA, J. Focus *in situ*: evidence from Portuguese. *Probus*, Berlim, v. 12, n. 2, p. 187-228, 2000. DOI: <https://doi.org/10.1515/prbs.2000.12.2.187>

FIRBAS, J. On defining the theme in functional sentence perspective. *Travaux Linguistiques de Prague*, Praga, v. 1, p. 267-280, 1964.

FRASCARELLI, M. Subjects, topics and the interpretation of referential pro: An interface approach to the linking of (null) pronouns. *Natural Language & Linguistic Theory*, Berlim, v. 25, n. 4, p. 691-734, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11049-007-9025-x>

FRASCARELLI, M.; HINTERHÖLZL, R. Types of topics in German and Italian. In: WINKLER, S.; SCHWABE, K (eds.). *On information structure, meaning and form*. Amsterdam: John Benjamins, 2007. p. 87-116.

FREY, W. A medial topic position for German. *Linguistische Berichte*, Hamburgo, v. 198, p. 153-190, 2004. DOI: https://doi.org/10.46771/9783967696967_2

GIVÓN, T. Topic continuity in discourse: an introduction. In: GIVÓN, T. (ed.). *Topic continuity in discourse: a quantitative cross-language study*. Amsterdã: John Benjamins, 1983. p. 5-41.

GUESSER, S.; MIOTO, C. Notas sobre a topicalização à esquerda sem retomada pronominal (explícita) no PB. In: GUESSER, S. (org.). *Linguística: pesquisa e ensino*. Boa Vista: EDUFRR, 2016. p. 79-102.

GUNDEL, J. K. *Universals of topic-comment structure*. Amsterdã: John Benjamins, 1988.

HEIM, I. R. The semantics of definite and indefinite noun phrases. 263 f. 1982. Tese (Doutorado em Linguística) - Departamento de Linguística, University of Massachusetts, Estados Unidos,

1982. Disponível em: <https://semanticsarchive.net/Archive/jA2YTJmN/Heim%20Dissertation%20with%20Hyperlinks.pdf>. Acesso em 14 nov 2025.

JAYASEELAN, K. A. IP-internal topic and focus phrases. *Studia Linguistica*, Oxford, v. 55, n. 1, p. 39-75, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1111/1467-9582.00074>

KATO, M. A. Tópico e sujeito: duas categorias em sintaxe?. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, v. 17, p. 109-131, 1989. DOI: <https://doi.org/10.20396/cel.v17i0.8636803>

KATO, Mary A. Tópicos como alçamento de predicados secundários. *Caderno de Estudos Lingüísticos*, Campinas, v. 34, p. 67-76, 1998. DOI: <https://doi.org/10.20396/cel.v34i0.8637052>

KATO, M. A.; RAPOSO, E. Topicalization in European and Brazilian Portuguese. In: CAMACHO, J., FLORES-FERRÁN, N.; SÁNCHEZ, L.; DÉPREZ, V.; CABRERA, M. J. (eds.). *Romance linguistics 2003: selected papers from the 36th Linguistic Symposium on Romance Languages*. Amsterdã: John Benjamins, 2007. p. 213-226.

KRIFKA, M. Basic notions of information structure. *Acta Linguistica Hungarica*, Budapeste, v. 55, n. 3, p. 243-276, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1556/aling.55.2008.3-4.2>

LACERDA, R. Information Structure in child English: Contrastive topicalization and the dative alternation. In: LAMENDOLA, M.; SCOTT, J. (eds.). *Proceedings of the 41st annual Boston University Conference on Language Development*. Somerville, MA: Cascadilla Press, 2017. p. 387-400. Disponível em: <https://www.lingref.com/buclid/41/BUCLD41-31.pdf>. Acesso em 14 nov 2025.

LACERDA, R. Middle-field Syntax and Information Structure in Brazilian Portuguese. 284 f. 2020. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística, University of Connecticut, Estados Unidos, 2020. Disponível em: <https://ling.auf.net/lingbuzz/005669>. Acesso em 14 nov 2025.

LACERDA, R. The middle field of Brazilian Portuguese and the size of the verbal domain. In: LASZAKOVITS, S.; SHEN, Z. (eds.). *The size of things I: structure building*. Berlin: Language Science Press, 2021. p. 285-304. Disponível em: <https://langsci-press.org/catalog/book/323>. Acesso em 14 nov 2025.

LACERDA, R. On the absence of low focus movement in Brazilian Portuguese. *Natural Language & Linguistic Theory*, Berlim, v. 42, n. 1, p. 209-245, 2024. DOI: <http://doi.org/10.1007/s11049-023-09582-5>

LACERDA, R. Focalization in situ and the absence of covert focus movement in Brazilian Portuguese. *Probus: International Journal of Romance Linguistics*, Berlim, v. 37, n. 2, 2025. p. 233-261. DOI: <https://doi.org/10.1515/probus-2025-0004>

MACEDO-COSTA, T.; ANDRADE, A. de. Caracterização semântico-pragmática de tópicos pendentes no português brasileiro. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. 391-408, 2015. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-4301.2015.2.20333>

MATHESIUS, V. Functional linguistics. In: VACHEK, J.; DUŠKOVÁ, L. (eds.). *Praguiana: some basic and less known aspects of the Prague Linguistic School*. Amsterdã: John Benjamins, 1983[1929]. p. 121-142.

MIOTO, C. Sobre o sistema CP no português brasileiro. *Revista Letras*, Curitiba, v. 56, p. 97-139, 2001. DOI: <https://doi.org/10.5380/rel.v56i0.18409>

MIRANDA, W.; SILVA, F. R. da. Formal similarities and distinctions between the contrastive markers *mas* (but), *já* (already) and *agora* (now) in Brazilian Portuguese. *ReVEL*, Porto Alegre, v. 13, n. 9, p. 120-

138, 2015. Disponível em: <https://www.revel.inf.br/files/729d5bf91a8d7794a57b881a3555ada1.pdf>. Acesso em 14 nov 2025.

PONTES, E. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes Editores, 1987.

QUAREZEMIN, S. Estratégias de focalização no português brasileiro: uma abordagem cartográfica. 198 f. 2009. Tese (Doutorado em Linguística) - Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/92341>. Acesso em 14 nov 2025.

REINHART, T. Pragmatics and linguistics: An analysis of sentence topics. *Philosophica*, Ghent, v. 27, n. 1, p. 53-94, 1981. DOI: <https://doi.org/10.21825/philosophica.82606>

RIZZI, L. The fine structure of the left periphery. In: HAEGEMAN, L. (ed.). *Elements of grammar*. Dordrecht: Kluwer, 1997. p. 260-318.

RIZZI, L. On some properties of criterial freezing. In: PANAGIOTIDIS, E. P. (ed.). *The complementizer phase: subjects and operators*. Oxford: Oxford University Press, 2010. p. 17-32.

RIZZI, L. Subjects, topics and the interpretation of pro. In: PETROSINO, R.; CERRONE, P; van der HULST, H. (eds.). *From sounds to structures: beyond the veil of Maya*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2018. p. 510-529.

ROBERTS, C. Information structure in discourse: Towards an integrated formal theory of pragmatics. *Semantics & Pragmatics*, Lexington, v. 5, art. 6, p. 1-69, 2012[1996]. DOI: <http://dx.doi.org/10.3765/sp.5.6>

SCHWARZSCHILD, R. GIVENness, AvoidF and other constraints on the placement of accent. *Natural Language Semantics*, Berlim, v. 7, p. 141-177, 1999. DOI: <https://doi.org/10.1023/A:1008370902407>

SILVA, F. R. da. Tópico em posição pós-verbal no português brasileiro. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 44, n. 1, p. 306-320, 2016. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/891>. Acesso em: 14 nov 2025.

SILVA, F. R. da. Deslocamento de tópico e foco no português brasileiro. 148 f. 2017. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística, Universidade de São Paulo, Brasil, 2017. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-18072017-181108/pt-br.php>. Acesso em 14 nov 2025.

STALNAKER, R. Pragmatic presuppositions. In: MUNITZ, M. K.; UNGER, P. K. (eds.). *Semantics and philosophy*. Nova Iorque: New York University Press, 1974. p. 197-214.

WAGNER, M. Contrastive topics decomposed. *Semantics & Pragmatics*, Lexington, v. 5, art. 8, p. 1-54, 2012. DOI: <https://doi.org/10.3765/sp.5.8>